

O QUE PODE UMA DOCÊNCIA MENOR?*

WHAT CAN MINOR TEACHING DO?

¿QUÉ PUEDE HACER LA ENSEÑANZA MENOR?

Angélica Vier Munhoz

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
angelicamunhoz@univates.br

Fabiane Olegário

Mestre em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul
fabiole@univates.br

RESUMO: O texto busca compreender a docência na contemporaneidade e os efeitos da visão empreendedora no espaço escolar, refletindo e dissertando sobre o tema. Ser empreendedor emerge como um discurso de verdade no mundo contemporâneo e institui um modelo ideal de docência a ser alcançado. Para isso, é necessário assumir riscos, ter ideias criativas, estar em constante formação, trabalhar em equipe, ser capaz de inovar, mostrar flexibilidade e ser proativo. De que modo o professor vem constituindo a sua prática pedagógica em meio a esses discursos? Quais as chances de resistência? Como escapar? Como produzir uma docência que recusa os modelos e afirma a diferença, ainda que haja sempre capturas? Enfim, o que pode uma docência que se deixa ser afetada pelos fluxos menores?

PALAVRAS-CHAVE: Docência. Modelos. Diferença. Escola.

ABSTRACT: This paper aims at understanding teachers in contemporaneity and the effects of an entrepreneurial view on the school setting by reflecting and dissertating on this theme. Being an entrepreneur has both emerged as a discourse of truth in the contemporary world and instituted an ideal teaching model to be achieved. For this purpose, it is necessary to take risks, have creative ideas, be constantly educated, work in a team, be able to innovate, show flexibility and be proactive. How have teachers constituted their pedagogical practice among those discourses? What are their chances of resistance? How to escape? How to produce teachers that refuse models and affirm the difference, despite the existence of captures? Ultimately, what can teachers that let themselves be affected by minor flows do?

KEYWORDS: Teachers. Models. Difference. School.

RESUMEN: El texto busca comprender la docencia en la contemporaneidad y los efectos de la visión emprendedora en la escuela, reflejando y disertando acerca del tema. Ser un emprendedor surge como un discurso de verdad en el mundo contemporáneo y establece un modelo ideal de docencia a alcanzarse. Para esto, es necesario tomar riesgos, tener ideas creativas, estar en constante capacitación, trabajar en equipo, ser capaz de innovar, demostrar flexibilidad y pro actividad. ¿Cómo el profesor ha constituido su práctica pedagógica en medio a estos discursos? ¿Cuáles son las posibilidades de resistencia? ¿Cómo escapar? ¿Cómo producir una docencia que rechaza los modelos y afirma la diferencia, aunque haya existido siempre capturas? De este modo ¿qué poder tiene una docencia que se afecta por los flujos menores?

PALABRAS CLAVE: Docencia. Modelos. Diferencia. Escuela.

Artigo recebido em fevereiro de 2014

Aprovado em março de 2014

1 | Introdução

O presente artigo é resultado de um conjunto de reflexões oriundas de uma pesquisa aprovada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Edital CNPq/MEC/CAPES nº. 007/2011) e intitulada “A escola e as novas configurações na contemporaneidade”. O objetivo de tal pesquisa¹ é compreender como a escola vem construindo suas relações de poder-saber e suas materialidades nestes novos tempos, tendo em vista que, dentre todas as instituições que a modernidade fez emergir, a escola é uma das mais exemplares no que diz respeito à produção de subjetividades e à definição de tempos e espaços. A escola é uma das instituições sociais da modernidade que continuam existindo entre nós, mesmo em tempos pós-modernos.

Investigar a escola contemporânea levou-nos a algumas reflexões, dentre elas, a produção da subjetividade docente em meio a uma visão empreendedora. Ser empreendedor emerge como um discurso de verdade no mundo contemporâneo e institui um modelo ideal de docência a ser seguido. Para alcançar tal modelo, é necessário assumir riscos, ter ideias criativas, estar em constante formação, trabalhar em equipe, ser capaz de inovar, mostrar flexibilidade e ser proativo. Algumas inquietações, apresentadas neste texto, desdobram-se em problemas, tais como: de que modo o professor vem constituindo a sua prática pedagógica em meio a esses discursos? Quais as chances de resistência? Como escapar? Como produzir uma docência que recusa os modelos e afirma a diferença, ainda que haja sempre capturas? Enfim, o que pode uma docência que se deixa afectar pelos fluxos menores? Trata-se, portanto, não de um artigo empírico, mas de uma breve reflexão acerca da docência.

2 | Das amarras

Pois todo aquele que de alguma forma não está disposto a se adaptar e a ser como nós, então é porque adoeceu de relincho, ou de uivo, ou do que quer que seja, e que não se atreva a se aproximar de nós, que guarde distância, por favor, que não nos contamine (OZ, 2007, p. 47).

Nessa história, quem adoeceu de “relincho” foi um menino que se atreveu a entrar onde não deveria, a olhar o que não deveria ver. Com esse ímpeto curioso, ele se tornou diferente e estranho à população do vilarejo, que passou a vê-lo como doente e louco porque não conseguiu ser igual, “ser como nós”. Ninguém ousou aproximar-se de um menino louco e doente, pois isso poderia ser perigoso demais.

De modo provocativo, deslocamos a cena descrita acima para o espaço escolar, lugar um tanto conhecido por todos que por ele passaram. Nesse lugar chamado escola, as subjetividades são capturadas, esquadrihadas e modeladas conforme determinado saber/poder que ali circula. Disciplina dos corpos e controle do tempo configuram-se como práticas de sujeição, para que assim todos possam ser produtivos e dóceis no trabalho, na família, enfim, na sociedade.

Docilidade e produtividade dizem respeito às questões de funcionalidade e resultado, visto que um indivíduo produtivo e empreendedor é muito mais econômico e útil ao Estado. Tais conceitos referem-se à produção de um corpo maleável, passível de ser modelado e obedecer, disposto a responder de acordo com os regulamentos de uma vida administrada e controlada pela lógica da exclusão, daquilo que difere e sofre de “relincho”.

¹Os resultados da referente pesquisa encontram-se nos artigos “Ecos da Escola Básica: estratégias de disciplinamento e controle” (GIONGO; OLEGÁRIO; MUNHOZ, e “Escola e família: as transformações com as quais (não) lidamos” (SCHWERTNER; HORN; GIONGO, 2013), ambos encaminhados para publicação em periódicos científicos.

Ao lado de outras instituições nascidas na Modernidade, a escola surge como uma maquinaria de produção de subjetividades serializadas e não perde, na atualidade, a sua força. Por mais que se diga que a escola está em crise, ela continua produzindo subjetividades que interessam ao mercado neoliberal.

A crise significa, em outras palavras, que hoje os cercados que costumavam definir o espaço limitado das instituições foram derrubados, de modo que a lógica que funcionava principalmente dentro das paredes institucionais agora se espalha por todo o terreno social. Interior e exterior estão se tornando impossíveis de se distinguir (DELEUZE, 1992, p. 216).

Parece-nos importante destacar que, ao falarmos em produção de subjetividades, não nos referimos a uma origem, mas a um processo contínuo, situado em determinada configuração histórica e social e atravessado por diferentes relações de poder e saber. Portanto, se a subjetividade se produz em determinado tempo e espaço, há um deslocamento e uma diferenciação entre as subjetividades produzidas nas instituições escolares contemporâneas e as subjetividades produzidas na escola moderna. A escola moderna, com sua função disciplinar clara e definida, a normatização e o esquadramento de tempos, espaços e saberes, produzia modos de subjetivação que diferem dos processos de subjetivação atuais.

Por outro lado, ousamos pensar que a escola jamais tenha sido tão elogiada, quanto neste tempo, até mesmo porque é emergente e recorrente o discurso da educação como sinônimo de escola, sendo-lhe atribuída a incumbência de melhorar o que não está em correspondência com o ideal de sociedade. Dessa forma, em nome da educação, a escola produz subjetividades que se alinham ao mercado neoliberal.

Façamos coro com Veiga Neto e Saraiva (2011, p. 9), quando afirmam que:

apesar das intensas transformações atuais, que acabam por envolver a escola, promovendo uma sensação de desencaixe entre essa instituição e a sociedade, não devemos subestimar a importância da educação escolar hoje. A nossa época, mais do que em qualquer momento na história humana, parece ser cada vez mais regulada pela representação cultural e pelo imaginário, a “espetacularização”, o risco e o controle sociais; e, mais do que qualquer outro espaço institucional, a escola parece ainda ser o lócus em que tudo isso se combina em poderosos processos de subjetivação.

Nesse sentido, educação e escola parecem ser processos que não se distinguem, havendo equívocos que colaboram com a ideia de que a educação escolar é uma via de transformação da sociedade, pois, enquanto a “escolarização tem um fim na formação do cidadão útil, [...] a educação, não” (CORREA; PREVE, 2011, p.188). Dito de outro modo, estar na escola é estar em processo de formação de um cidadão participativo e crítico, sendo isso indispensável à construção de uma nação pautada pelo desenvolvimento social e econômico que segue rumo ao progresso. A escola não perdeu o seu sentido crítico de denunciar e solucionar as mazelas sociais e, na contemporaneidade, alarga as suas funções, que outrora se concentravam no ensino.

Favorecida pelas estratégias legais que a tornam obrigatória e pública, a escola torna-se fundamental para a fabricação de subjetividade que privilegia e sustenta a vida baseada em princípios e métodos que legitimam a hegemonia do mercado. Além disso, tem como “ação fundamental a uniformização das mais diversas formas de sociabilidade e modos de vida ao recobri-los com o véu da cidadania: condição essencial para a ação do estado” (CORREA; PREVE, 2011, p.188).

Processos de escolarização obedecem ao conhecimento já instituído de forma linear. São dispostos em um campo de saberes, definidos pelos documentos que regulamentam as ações

educacionais, os quais são constituídos pelos exercícios de poder que se inscrevem estrategicamente em operações práticas ditas como verdadeiras. Estratégias formatam a docência para além do que está posto como verdade e capturam as inúmeras possibilidades de produzir algo diferente por meio de um minucioso arsenal, marcado:

teorias da aprendizagem, didáticas, currículos, técnicas administrativas, disciplina dos corpos, das mentes, sentimentos, crenças, disciplinas, grades, triiiiiim, sinal, sentar, levantar, falar, calar, cada coisa no seu lugar, mesas e cadeiras, salas e pátios, hora de ir, hora de comer, hora de sentir, hora de sentar, avaliações, seleções, objetivos, metas, métodos, planejamento da vida, vida morta, prever, capturar, conduzir, administrar o campo dos possíveis, anular o fora, rechaçar o novo, péééé, sinal, mover-se, imobilizar-se, população infantil, marche! Representações, medir, encaixar, prever, orientar, coordenar, aplicar, direcionar: todo o espaço da existência (GALLO; ASPIS, 2011, p.173).

Quanto são os mecanismos ou dispositivos de que a docência dispõe, os quais se atravessam enquanto práticas de conduzir a conduta do outro e de si próprio. Trata-se de controle do outro e vigilância permanente das ações que permeiam a docência paralisada, docência atada, docência que produz sujeitos que devem aprender constantemente em uma sociedade que tomou como eixo a visão empreendedora afinada aos ditames do mercado.

3 | Viseiras

Tudo e todos devem ser conduzidos, governados, pois governar é conduzir condutas, “é estruturar o eventual campo de ação dos outros” (FOUCAULT, 1995, p.244). Reter o fluxo da diferença, modelar as possibilidades, controlar as paixões derivadas da superfície da pele, estancar aquilo que não se rende aos processos de imobilidade, retirar os perigos que podem conter a imprevisibilidade.

[...] a governamentalidade pode ser descrita como o esforço de criar sujeitos governáveis através de várias técnicas desenvolvidas de controle, normalização e moldagem das condutas das pessoas. Portanto, a governamentalidade enquanto conceito identifica a relação entre o governo do Estado (política) e o governo do eu (moralidade), a construção do sujeito (genealogia do sujeito) com a formação do Estado (genealogia do Estado) (FIMYAR apud VEIGA-NETO; TRAVERSINI, 2009, p.16).

Governada, a docência entristece, pois é aprisionada pelo discurso da “falta” (CORAZZA, 2005, p.37). Esse discurso cria condições e possibilidades para a disseminação e o alastramento da necessidade de investimento por meio de formação permanente, fabricando subjetividades que operam e funcionam como uma empresa que compete com os outros e consigo mesma. Esperam-se resultados que satisfaçam o mercado e, nesse sentido, “a pessoa deve ser para si mesma tornar-se uma empresa; ela deve se tornar, como força de trabalho, um capital fixo que exige ser continuamente produzido, modernizado, alargado, valorizado” (GORZ, 2005, p.23).

Ser empreendedor requer um sujeito que está disposto a empresariar sua vida, a estar em formação ao longo da vida de maneira permanente, a aprender a aprender de modo contínuo, preferivelmente sem interrupções, pois, “quando adquirimos uma capacitação, não significa que dispomos de um bem durável” (SENNETT, 2006, p.91). Concorrência tornou-se imperativo deste tempo; concorrer consigo mesmo alimenta o mercado, pois o consumo é a garantia da sua existência. Além disso, podemos pensar que o competidor não anula aqueles que competem; ao contrário, incita ainda mais a competição, pois é essencial ao funcionamento do discurso da flexibilidade. A competitividade e a flexibilidade assumem o lugar da docilidade:

Trata-se da diferenciação entre docilidade e flexibilidade, de modo que se possa dizer: enquanto a disciplina moderna funciona para produzir corpos dóceis (Foucault, 1989), o controle pós-moderno funciona para produzir corpos flexíveis. É fácil entender o quanto isso tem a ver com a promoção das novas formas de assujeitamento e subjetivação no mundo atual (VEIGA-NETO, 2008, p.36).

Novas configurações, no cenário da docência, tratam de viabilizar, reproduzir e legitimar o espaço escolar e os processos de escolarização no circuito econômico. A escola torna-se, nesse sentido, peça chave para o crescimento da racionalidade neoliberal e sua profusão em todo o tecido social. A educação escolar é entendida como um investimento, portanto, não é à toa que grandes empresas e diversos segmentos da sociedade apostam na escola. Sob o manto discursivo da qualidade na educação brasileira e da formação de futuras gerações que receberam a tarefa de transformar o país em que vivem, “os discursos educacionais apresentam-se como uma das principais formas de disseminação da necessidade de formação de indivíduos que desenvolvam a capacidade de empreender e gerir” (CARVALHO; KARPOWICZ, 2011, s.p) a si próprios e aos outros.

Interessante perceber, como já apontava Foucault (1979), que o poder é capilar, visto que produz positivamente as subjetividades docentes. É sutil, sedutor, exercido apenas em relação – é aquele que permite exercer o jogo da sedução de um lado a outro. A racionalidade neoliberal serve-se desse jogo para manter-se, mais do que nunca, firme e verdadeira, encaminhando-se cada vez mais para o controle e a formação contínua. Deleuze (1992, p. 216) parece mostrar que o confinamento não necessita de espaços demarcados, já que a “educação será cada vez menos um meio fechado, distinto do meio profissional – outro meio fechado – mas que os dois desaparecerão em favor de uma terrível formação permanente, de um controle contínuo se exercendo sobre o operário-aluno ou executivo-universitário”. A docência constrói viseiras quando é convencida da necessidade de investir nas práticas inovadoras e criativas que lhe possibilitam, em tempos de incertezas, alguma garantia de ser reconhecida e conduzida ao caminho certo.

4 | Vazamento

Como resistir aos discursos que despotencializam a docência, que enfraquecem o sentido alegre de estar com o outro? Como resistir àquilo que enjaula e mata o desejo de viver o ensino? Como escapar da lógica de mercado que penetra no âmago da vida docente? Como fugir do discurso de verdade que dá status à produtividade e à utilidade? Como fissurar os muros da escola, produzindo uma “escola fora da escola” (GALLO; ASPIS, 2011, p.174).

Deleuze e Parnet (1998, p.62) alertam-nos que “o grande erro, o único erro, seria acreditar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga para o imaginário ou para a arte. Fugir, porém ao contrário, é produzir algo real, criar uma vida, encontrar uma arma”. A fuga é criadora de possibilidades, de invenção de outros modos de ser docente, distantes da política de representação que institui uma identidade fixa e impõe o kit do dever ser de determinada forma. O conceito de identidade pressupõe permanência, conservação, modelo e transcendência.

Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias ao aparelho de ressonância, à máquina de sobre-codificação: aquilo que se atribui a uma “evolução dos costumes”, os jovens, as mulheres, os loucos, etc. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.94).

Trata-se de um exercício da diferença, um exercício que implica coragem, porém não elimina a prudência. Trata-se, ainda, de pensar a diferença como componente do processo de constru-

ção de subjetividades e da produção da própria vida docente – a diferença que não adoce de “relincho”.

Há um desassossego na diferença. Um desassossego que nos força a pensar, que nos ensina que educar é um processo de criação e que a docência não se constitui em imperativos como produtividade, competitividade, previsibilidade.

Educar significa lançar convites aos outros; mas o que cada um fará – e se fará – com estes convites, foge ao controle daquele que educa. Para educar, portanto, é necessário ter o desprendimento daquele que não deseja discípulos, que mostra caminhos, mas que não espera e muito menos controla os caminhos que os outros seguem. E mais: que tenha ainda a humildade de mudar seus próprios caminhos por aquilo que também recebe dos outros (GALLO, 2008, p. 15).

Nessa perspectiva, educar é ir além do exercício classificatório que padroniza comportamentos e subjetividades para serem disputados em *rankings*, que controla os percursos, os saberes e os fazeres do outro. Educar é um ato que extrapola a escola, instituição formadora. O que forma essa instituição formadora? A quem forma?

Fazer vazar a docência pode ser uma estratégia de resistência. Mas vazar o quê? As formas acabadas e saturadas de educar, os discursos que produzem um modelo de docência a ser perseguida, a mercadologização da vida docente. Fazer vazar a docência é minorá-la, torná-la menor² para que se possa deslizar pelas margens, destoar, diferir. Escolher a dissonância como um modo de vida docente.

Uma docência menor, nesse sentido, é um modo de subversão, de resistência e de luta ao modelo arborescente – “o menor como aquele que está abaixo da palavra de ordem, como aquele que escapa à lei, ao significado” (ZORDAN, 2004, p. 85). Assim, uma docência menor pode, ao diferir dos modelos, produzir outros modos de uma vida docente.

5 | Considerações finais

Como produzir uma docência que recusa os modelos e afirma a diferença, ainda que haja sempre capturas? Se estamos diante de novas configurações históricas e sociais, também novas produções de subjetividade se instituem. É preciso desnaturalizar o presente e pensar a educação numa perspectiva temporal.

Ou a diferença pura se torna, de uma vez por todas, a principal argila do nosso trabalho pedagógico e curricular, ou seremos educadores perdidos, à deriva, fora de nosso tempo. E o que é mais grave: não estaremos educando nossos alunos para um porvir plural e criativo, em que a educação faça diferença. (CORAZZA, 2005, p.21).

Talvez o nosso problema seja ainda acreditar que a educação escolar vai resolver os problemas sociais, políticos, morais e éticos deste mundo. E, para dar conta dessa crença, criamos estratégias e *rankings*, jogamos a educação para o mercado e repetimos: a educação quer uma resposta!

Qual a resposta? Uma única resposta como solução de todos os problemas? Uma resposta salvacionista, messiânica? Uma resposta que hegemoniza um padrão docente para educar todas as crianças da mesma forma – afinal, são todas iguais?

² Gallo (2003) usa o conceito de educação menor como máquina de resistência, contrapondo-se à educação maior como aquela instituída. O autor faz um deslocamento no conceito de literatura menor, criado por Deleuze & Guattari no livro *Kafka: por uma literatura menor*.

Não são as respostas, as grandes narrativas, as soluções mercadológicas que vão salvar a educação. Aliás, a educação não precisa ser salva. Precisa apenas respirar, encontrar linhas de fuga, sentir-se livre das amarras empreendedoras e esmagadoras que a impedem de habitar as virtualidades deste tempo.

Somente na fissura dessas amarras é possível pensar a docência como a arte de formar, de criar, de minorar, sem totalizações e determinismos, sem rigorismos e hierarquizações. Assim, não há um modo de fazer uma docência menor. Contudo, nenhuma docência se tornará menor se não duvidar das verdades instituídas, tensionando limites e rompendo com as linearidades que interpelam a vida docente a cada dia.

Referências

- CARVALHO, Rodrigo Saballa; KARPOWICZ, Alexandre Prinzler. O empreendedorismo como valor pedagógico: problematizações sobre a formação docente e supervisores escolares empreendedores. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO, 4.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 1., 2011, Canoas. *Anais...* Canoas: ULBRA, 2011.
- CORAZZA, Sandra. *Vida de professora*. [S.l.]: Ed. Unijuí, 2005.
- CORRÊA, G. C. *Educação, comunicação, anarquia: procedências da sociedade de controle no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2006.
- CORRÊA, Guilherme Carlos; PREVE, Ana Maria Hoepers. A educação e a maquinaria escolar: produção de subjetividades, biopolítica e fugas. *REU*. Sorocaba, v.37, n.2, p.181-202, dez. 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pal Perbalt. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE; Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v. 3.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GALLO, Sílvia; ASPIS, Renata Lima. Biopolítica-vírus e educação-governamentalidade e escapar e... *REU*, Sorocaba, v. 37, n. 2, p. 167-179, dez. 2011.
- GALLO, Sílvia. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COTIDIANO: diálogos sobre diálogos, 2., 2008, *Anais...* Rio de Janeiro: UFF, 2008.
- GIONGO, Ieda; MUNHOZ, Angélica; OLEGÁRIO, Fabiane. *Ecos da escola básica: estratégias de disciplinamento e controle*. Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 68-83, maio./ago. 2014
- GORZ, André. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. Tradução Celso Azzan Júnior. São Paulo: Anablume, 2005.
- OZ, Amóz. *De repente, nas profundezas do bosque*. Tradução Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHWERTNER, Suzana F.; HORN, Cláudia I.; GIONGO, Ieda M. Escola, família e as novas configurações da contemporaneidade: apontamentos de uma pesquisa. *Caderno Pedagógico Educação e Pedagogia*, Univates, v. 10, n. 2, 2013 p.77-91
- VEIGA-NETO, Alfredo. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. In: PERES, Eliane et al. (Org.). *Trajéorias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 35-58.
- VEIGA-NETO Alfredo; TRAVERSINI, Clarice. Por que governamentalidade e Educação. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, maio/ago. 2009.
- VEIGA-NETO Alfredo; SARAIVA, Karla. Educar como a arte de governar. *Currículo sem fronteiras*, v.11, n.1. p.5-13, jan./jun. 2011.
- SENNET, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- ZORDAN, P. Geo-educação: arte, paisagens virtuais. In: SILVA, T. T. et al. *Linhas de escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 79-126.